

O FENÓMENO INTERNACIONAL

«UM ROMANCE INTENSO,
SENSUAL E VICIANTE!»

N.º 1
TOP DE
VENDAS

A NOIVA ERRADA

CATHARINA MAURA

MILHÕES DE LEITORES EM TODO O MUNDO

alma
dos
livros

CATHARINA MAURA
A NOIVA ERRADA

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt
tiktok.com/@almadoslivros
twitter.com/almados_livros
linkedin.com/company/alma-dos-livros/
© 2024

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros
THE WRONG BRIDE Copyright © 2022 by Catharina Maura

Título: *A Noiva Errada*

Título original: *The Wrong Bride*

Autora: Catharina Maura

Tradução: Maria Gabriela Ferreira

Revisão: Beatriz Cadete

Paginação: Maria João Silveira

Capa: Diana Jorge Trigo/Alma dos Livros

Imagens de capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.

Depósito legal: 531835/24

1.^a edição: Junho de 2024

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

CATHARINA MAURA

A NOIVA ERRADA

Tradução de
Maria Gabriela Ferreira

alma
dos
livros

*Este livro é para quem já foi levado a sentir que não estava à altura.
Não precisas de corresponder aos rótulos que os outros criaram para ti.*

Um RAVEN

Não acredito. Aquele sacana! – exclama a Sierra, entrando de rompante no meu escritório. Deixo cair o lápis na secretária e, relutantemente, desvio os olhos do vestido de noite que estou a desenhar.

Após umas semanas difíceis, quando acordei esta manhã, o meu bloqueio criativo tinha-se dissipado. Sei exatamente o que quero desenhar para a minha próxima coleção, mas, com a minha melhor amiga aqui, será impossível passar este vestido da minha mente para o papel.

– Bom dia, amiga – digo à Sierra, escondendo um sorriso. Só há uma pessoa que a irrita a este ponto e sei que a história que me vai contar será uma *loucura*.

– O Xavier Kingston roubou o meu conceito e apresentou-o como sendo seu. Ganhou o projeto que passei *meses* a preparar... com as *minhas* ideias!

Recosto-me na cadeira e deixo que o meu olhar percorra os desgrenhados, longos e ondulados cabelos castanhos da Sierra. A minha melhor amiga está sempre impecável, exceto hoje. Parece que, desta vez, o Xavier a deixou de rastos.

– Não foste tu que o sabotaste da última vez? Furaste-lhe os pneus para que chegasse atrasado à reunião, sabendo que a falta de pontualidade era algo que o cliente não tolerava.

A Sierra sorri maliciosamente, os olhos verdes a brilharem com esta memória.

– Se não o tivesse feito, a empresa dele podia ter ganhado o negócio. Era um cliente que valia milhões de dólares. Sinceramente, até me

desilude que tenha sido tão fácil. Pensei que fosse mais esperto.

Abano a cabeça e inclino-me, dando-lhe toda a minha atenção. Não se irá embora enquanto não desabafar tudo sobre o Xavier Kingston, o seu maior rival. A King Enterprises e a Windsor Real Estate são rivais desde que me lembro, mas a Sierra e o Xavier elevaram o nível da disputa.

– Não devias estar à espera de retaliação?

A Sierra olha para mim como se a minha pergunta fosse desleal, mas sabe que tenho razão. Na verdade, apesar de se continuarem a sabotar um ao outro, acabam por dividir as oportunidades de negócio entre si e a dominar o mercado imobiliário em conjunto.

– Quero vingar-me – atira – , aquele *grande sacana*. Não posso acreditar. *Tens* de me ajudar, Raven.

Pego no lápis e abano a cabeça.

– Nem penses, não me vou meter. – Não sou louca o suficiente para ofender um bilionário psicótico como o Xavier Kingston. A Sierra é a única mulher que o faz constantemente e sobrevive, e duvido que ela perceba que a única razão pela qual isso acontece é porque ele o *permite*.

O meu telemóvel toca e pego nele sem pensar, ficando sem reação quando vejo o nome no ecrã. *Ares*. Sinto que deixo de respirar enquanto olho para o telemóvel e o oiço tocar.

– Raven? – chama a Sierra, a voz dela suave, preocupada.

Olho para cima, saindo do estado de transe, e forço-me a sorrir. Quanto tempo estive assim?

– É o teu irmão – digo-lhe, antes de atender. – Olá, *Ares* – o tom calmo da minha voz contrasta com o bater acelerado do meu coração.

Ele ri-se, e sou inundada por uma forte sensação de saudade.

– Raven, nem acredito que atendeste! É tão difícil falar contigo ultimamente. Andas ainda mais ocupada do que eu.

Recosto-me na cadeira e sorrio. Há algum tempo que não o ouvia dizer o meu nome.

– Que se passa? – pergunto, sabendo que qualquer que seja o motivo

me vai magoar. O Ares é um hábito que não consigo largar. É um vício vergonhoso, um segredo ilícito.

– Queres ir às compras comigo? Preciso de comprar uma prenda para o aniversário da Hannah e és a pessoa certa para me ajudar.

Devia dizer que não. A *última* coisa que quero fazer é acompanhá-lo na compra de uma prenda para a minha irmã. Não suporto ouvi-lo falar dela, ver no seu olhar o amor e a devoção que lhe tem. Mas, ainda assim, prefiro vê-lo nessas condições a não o ver.

– Claro – aceito, contrariando o meu bom senso.

A Sierra observa-me com um olhar cerrado quando termino a chamada.

– Que queria ele? – pergunta imediatamente.

Sorrio forçadamente, sabendo que não vai gostar da resposta.

– Precisa de uma prenda de aniversário para a Hannah.

Noto a tensão no rosto dela antes de desviar o olhar.

– Não vás – diz num tom calmo. – Não vás, Rave. Ele pode perfeitamente escolher uma prenda sozinho. Porque é que *precisa* da tua ajuda?

– Não há problema – respondo-lhe, embora não esteja certa disso. Passaram-se anos e continuo a não conseguir dizer-lhe que não.

– Há, sim – insiste a Sierra. – Eu adoro o meu irmão, mas também te adoro a ti. Tens de parar de aceitar os convites dele sem pensar duas vezes, se sempre que o vês acabas de coração partido.

Abano a cabeça em negação.

– Isso não é verdade. O Ares e eu somos só amigos. Sempre fomos. Estás a ver coisas onde elas não existem.

Ela cruza os braços e olha-me de alto a baixo.

– Ilude-te o quanto quiseres, Rave, mas a mim não me enganas.

Desvio o olhar, incapaz de manter a minha fachada com ela a olhar-me assim. É a única que sabe o que aconteceu quando éramos mais novos e, apesar de eu o negar, é também a única a saber que continuo tão apaixonada pelo Ares Windsor como sempre estive.

– Rave, nunca pensaste no que poderia ter acontecido se lhe tivesses confessado os teus sentimentos depois daquela noite?

Levanto a mão e abano a cabeça.

– Não teria mudado nada. Ele sempre amou a Hannah. Desde que ela entrou na vida dele, nunca mais olhou para outra mulher. Se lhe tivesse dito o que sentia, teria estragado e perdido a nossa amizade.

A Sierra olha-me nos olhos e percebo que este tema não me parte o coração só a mim.

– Vais mesmo ficar quieta a ver o Ares a casar com a tua irmã?

Viro-me para a janela e inspiro tremulamente.

– Tenho escolha? Estão juntos há cinco anos, Sierra. Se podia ter feito alguma coisa, deixei escapar essa oportunidade. Estão felizes juntos e desejo-lhes tudo de bom. Se algum deles descobrisse o que sinto, ia custar-me a amizade do Ares e destruir a relação frágil que tenho com a minha irmã. E para quê? Ele só me vê como uma amiga, nunca me verá como mais do que isso.

Ela abana a cabeça.

– Não estou certa disso, sabes? Acho que o Ares não é tão feliz quanto se convence de que é, e duvido que te veja só como uma amiga, Rave. Pode não ser capaz de o admitir, mas houve sempre qualquer coisa entre vocês os dois. Eu estava lá antes da Hannah e acho que ela não conseguiu eliminar isso totalmente. Pode ter tentado, mas não ocupou o teu lugar na vida dele.

Começo a fitar as minhas mãos, não sei que dizer. Odeio quando ela me dá esperanças que não mereço. Ele será meu cunhado em breve, e tenho de manter as fronteiras entre nós firmemente intactas, se quiser sobreviver ao casamento deles.

– Raven, estou convencida de que o único motivo pelo qual ainda estão juntos é porque sabem que não têm outra escolha. Tal como eu, o Ares sabe que tem de casar com uma escolha da nossa avó... e a primeira escolha dela não foi a Hannah, foste *tu*.

O meu coração retrai-se com a memória. Ainda me lembro do dia em

que os meus pais me disseram que se queriam reformar e tinham decidido fundir a sua produtora independente de filmes, Dreamessence, com a Windsor Media. Os Windsors e os Du Ponts tinham sido rivais até então, mas a proposta de fusão mudou tudo – e não só para os meus pais.

Queriam manter a sua amada empresa na família e, sendo os Windsors conhecidos por arranjam casamentos para os herdeiros, foi-lhes apresentada a solução perfeita. Um casamento entre Windsors e Du Ponts manteria a empresa na família e daria controlo do negócio a ambas as partes.

Na altura, não foi a Hannah quem consideraram para este arranjinho. Fui eu. Devido à minha amizade com a Sierra, pensaram que eu seria a melhor escolha. Tinha apenas vinte anos quando foi feito o acordo, mas teria sido feliz, e o Ares também não parecia opor-se.

Tudo mudou quando levei a Hannah comigo à festa de aniversário dos 21 anos da Sierra. Lembro-me vividamente dessa noite. Eu vi-o primeiro, mas foi dela que ele nunca mais desviou o olhar.

Dois RAVEN

Sinto o coração aos pulos quando vejo o Ares encostado ao carro, à minha espera, em frente ao escritório.

Paro um segundo e aprecio o momento. O cabelo preto, o maxilar bem definido, os olhos verdes idênticos aos da Sierra. Não é justo que ele fique cada vez mais bonito à medida que os anos passam. De cada vez que o vejo, parece-me mais inacessível. O Ares olha para cima e endireita-se quando me vê, um sorriso transforma a sua cara.

– Olá! – cumprimento-o, enquanto me segura a porta para entrar. Sorrimos um para o outro. É muito provável que venha a arrepender-me de lhe ter dito que sim mas, até lá, vou aproveitar cada segundo com ele. – Onde vamos? – pergunto quando se senta ao meu lado, as suas mãos no volante.

Recosta-se no assento e vira a cabeça para me encarar.

– Raven – diz num tom petulante. Não consigo controlar o meu coração quando diz o meu nome desta forma e, involuntariamente, viro-me para ele e encaro-o também. – Porque é que nunca te vejo ultimamente?

Parece genuinamente desolado, como se, de facto, tivesse saudades minhas, e aquele fogo que tento apagar reacende-se outra vez.

– Tenho estado ocupada. – A minha voz soa fraca, baixa, como se não lhe conseguisse mentir. – Estou sempre a trabalhar. Tenho muitos contratos com agências de modelos e estou a tentar fazer crescer a minha marca de moda ao mesmo tempo. Honestamente, há dias em que mal tenho tempo para comer ou dormir.

Ele anui e desvia o olhar com uma subtil expressão de preocupação no rosto enquanto liga o carro.

– Não trabalhes demais, Rave. Lembra-te de cuidar de ti, sim? Não se vive só de trabalho. Precisas de uma vida social também. Quando foi a última vez que viste os teus pais?

Forço um sorriso e cruzo os braços. Quanto mais velha fico, menos vejo os meus pais. O mundo deles gira em torno da Hannah e odeio ir onde não sou bem-vinda. Não devia sentir-me excluída na minha própria casa, mas sinto.

– Por acaso, a Sierra esteve no meu estúdio há pouco – respondo-lhe.

– Para que saibas, eu tenho amigos.

Olha-me de relance, como costuma fazer e, apesar de perceber quando minto, assente.

– Que estás a pensar comprar este ano? – pergunto-lhe, num tom leve e amigável.

Volta a encarar-me, sorridente.

– Que achas de uma joia?

Respondo que sim com a cabeça.

– Uma peça exclusiva, talvez?

O Ares olha-me com uma expressão tão confusa que me desmancho a rir, o que lhe provoca um sorriso.

– Não ouvia o teu riso há tanto tempo, Raven. Tinha saudades de o ouvir.

Derreto-me e desvio o olhar para o meu colo, o coração apertado. Preferia que não dissesse estas coisas. Vê-me como uma velha amiga e futura cunhada, mas quando me diz que sentiu a minha falta, é difícil lembrar-me disso. Agarro a minha mala com força e inspiro profundamente.

– Uma peça exclusiva é o oposto de uma joia comum, destaca-se mais.

O Ares sorri.

– E se eu te deixar escolher?

Lanço-lhe um olhar acutilante.

– Como todos os anos?

Sorri novamente enquanto estaciona num dos centros comerciais Windsor, praticamente saindo a voar do carro para me abrir a porta. Oferece-me a mão e eu seguro-a ao sair, os nossos olhares um no outro.

Um *flash* de luz surpreende-nos e, quando me viro, dou de caras com o sorriso de um *paparazzo* que me anda a seguir ultimamente. Cerro os dentes e dou um passo na sua direção, mas desata a correr antes de eu dizer seja o que for.

O Ares encosta uma mão às minhas costas, e olho para ele.

– Devia saber que trazer-te a um sítio tão público resultaria nisto. Desculpa, Raven. Eu trato do assunto. Aquela fotografia nunca será publicada.

Abano a cabeça e começo a caminhar em direção ao centro comercial.

– Não faz mal. Já estou habituada a isto. Não posso deixar de viver a minha vida só porque sei que posso ser fotografada a qualquer momento. Dantes tinha medo, sabias? Da opinião pública. Agora, é só um inconveniente que aceito como parte do meu trabalho.

O Ares segue em silêncio até entrarmos no centro.

– Talvez deva arranjar-te uns guarda-costas. – O seu tom denota alguma raiva e olho-o, surpresa.

– Nem pensar. Nunca estou em perigo, Ares. Já tenho menos privacidade do que gostaria. A última coisa de que preciso é de alguém no meu espaço privado a toda a hora.

Encara-me como se quisesse argumentar comigo mas, felizmente, não o faz e continua em silêncio enquanto entramos numa das joalherias preferidas da Hannah.

Assim que reconhece o Ares, o gerente da loja fica tenso e dirige-se imediatamente a nós com um sorriso nervoso. É um homem mais velho e o cabelo grisalho dá-lhe charme. Se não fosse o óbvio estado de nervosismo, emanaria o tipo de elegância que combina com a loja.

– Senhor Windsor – diz, antes de se virar para mim com um olhar surpreso. – *Raven*. – Os seus olhos percorrem o meu corpo como é típico dos homens com quem me cruzo. Costumava deixar-me enojada,

calculava que estariam, muito provavelmente, a pensar numa das minhas campanhas de *lingerie*, mas já me habituei. – Raven, uau! É uma honra conhecê-la. Sou o Andy e serei o seu assistente.

O Ares fica apreensivo e pousa a mão no meu ombro. Olho-o pasmada e vejo que encara o gerente da loja escondendo muito pouco a sua irritação.

– Pediremos ajuda se precisarmos dela – atira num tom ríspido.

Encaminha-me para as vitrines, o corpo ainda tenso.

– Que se passa? – pergunto assim que já não podemos ser ouvidos.

O Ares tira a mão do meu ombro e abana a cabeça.

– Que falta de profissionalismo! Viste como olhou para ti? Que foi aquilo? Primeiro, somos fotografados assim que saímos do carro e, depois, *isto*?

Esboço um sorriso enquanto me encosto no balcão e olho para ele.

– Ares – murmuro –, já não sou a menina que conhecias. Fui a modelo mais bem paga deste ano e represento muitas das marcas que têm lojas neste centro comercial. Não me surpreende que ele me reconheça. A sua reação até foi discreta. De certeza que a minha cara está num grande cartaz a publicitar este centro comercial.

– Discreta? – O Ares irrita-se. – *Discreta*? Ele praticamente comeu-te com os olhos!

Agarro-lhe o braço e sorrio.

– Como lidas a andar em público com a Hannah? Eu posso ser muito conhecida, mas tenho a certeza de que a Hannah é ainda mais famosa. As modelos não costumam ser tão populares como as grandes atrizes. Como lidas com a atenção que ela atrai se *isto* te irritou tanto?

Ele suspira e passa a mão pelo cabelo.

– Acho que estás a subestimar a tua popularidade. E a tua irmã tem sempre guarda-costas por perto, por isso não preciso de me preocupar com ela. Tu, por outro lado, és uma teimosa de primeira.

Sopro para o ar e viro-me para ver as joias em exposição, detendo-me nos anéis de noivado. A simples ideia de algum dia ser noiva parece-

me tão inconcebível. Não me imagino a querer casar com qualquer outra pessoa que não o Ares. Um anel capta a minha atenção e, por um instante, deixo-me imaginar como ficaria no meu dedo.

Suspiro e puxo o Ares para a secção dos colares, atraída por uma gargantilha de diamantes.

– Que tal algo assim?

O Ares chama o Andy, que me entrega o colar e aponta para o espelho atrás de mim. Seguro a gargantilha contra o meu pescoço, para ver como ficaria, e o Ares segura-me delicadamente no cabelo, afastando-o em direção ao ombro para não atrapalhar.

– Experimenta-o – diz-me.

Abano a cabeça.

– Não, não posso. É para a Hannah. Não preciso de o experimentar para saber que ela o adoraria.

Ele não cede e, encostando-se a mim, põe-me o colar. A maneira como os seus dedos passeiam pelo meu pescoço provoca-me um arrepio na espinha, mas ele não dá por isso.

– Se gostas, compro-o para ti, Raven. Encontraremos outra coisa para a Hannah. – Arregalo os olhos, e ele sorri-me através do espelho. – O teu aniversário também está próximo, sabias?

– É demasiado! – digo-lhe, os meus dedos a abrir o fecho. – Mas obrigada. Ela vai adorar, devias mesmo comprar-lhe esta gargantilha.

O Ares anui e tira-me o colar, detendo o olhar no meu rosto.

– Ei – diz num tom suave –, está tudo bem entre nós, Rave? Sinto que me tens evitado ultimamente. É por causa da pressão que a Hannah tem exercido sobre ti com o casamento? Sei que tens andado a tratar de coisas que deviam ser tratadas por ela. Diz-me se for demasiado para ti, está bem? Sabes que odeio quando te afastas.

Agarro-lhe o braço e sorrio.

– Está tudo bem, Ares. Tenho estado demasiado ocupada, só isso.

A expressão dele diz-me que sabe que estou a mentir, mas, felizmente, deixa o assunto morrer. Como lhe posso dizer que o

simples pensamento de o ver casar com a Hannah faz com que tudo pareça tão final? Estou a perdê-lo para sempre, cada réstia de esperança a esvair-se em fumo. Como lhe digo que tenho o coração partido como nunca tive e que não sei se algum dia o curarei?

Três
RAVEN

Não sei se podemos sentar os Astors tão perto dos irmãos do Ares – afirma a minha mãe. – Temos mesmo de os convidar. A família deles equipara-se à dos Windsors..., mas não podemos sentá-los tão perto. Se bem me lembro, o Adrian Astor não suporta um dos irmãos do Ares, o Lexington.

Franzo a testa e desvio o olhar do esquema do salão.

– O Adrian não gosta do Lexington? – pergunto, surpreendida. Como assim? O Lexington é uma das minhas pessoas favoritas e estudou com a Leia no Astor College. Foi ele que me apresentou a Leia e o Adrian.

– Sim, foi o que ouvi. Pelo que sei, o Adrian não gosta do lado *brincalhão* do Lexington.

Ah! Sorrio ao perceber o que se terá passado. O Lex deve ter provocado o Adrian ao tentar seduzir a Leia. Sim, parece que estou a ver a cena. O Adrian é o tipo de pessoa que não perdoa nada e ficaria ressentido com a situação.

– Tudo bem, sentamo-los mais separados.

A minha mãe concorda e reorganiza os cartões com os nomes deles no pequeno esquema que fez do salão onde será o casamento da Hannah.

– Tem de estar tudo perfeito – murmura. – A Hannah esperou tanto por este dia.

Evito revirar os olhos.

– Mãe, ela adiou o casamento três vezes. Não me parece que esteja assim tão impaciente.

Ela atira-me um olhar brusco, a dardejar de raiva.

– Isso aconteceu pelas exigências do trabalho dela, Raven. Tu não

sabes o que é ser atriz. Limitas-te a estar quieta e a ser bonita o dia todo. O trabalho da Hannah é diferente. Ela não vai para casa depois de uma mísera sessão fotográfica. Fica longe de casa semanas a fio, a filmar em condições que são tudo menos confortáveis. Achas mesmo que ela *queria* adiar o casamento? Só o fez porque não tinha escolha. Podes não perceber, mas se não tens nada de positivo a dizer, deixa-te estar calada.

Mordo o lábio com força para evitar responder à letra. A minha mãe sabe quão preciosistas os fotógrafos podem ser e como o meu trabalho não é fácil. Há apenas algumas semanas, fiquei com hipotermia porque me obrigaram a filmar um anúncio na neve. Já deixei de me comparar com a Hannah, mas gostava que não minimizassem o meu trabalho como sendo só *estar quieta e ser bonita o dia todo*.

Suponho que o que faço não interessa. Só lhe interessa que não segui as suas pisadas como a Hannah fez. A minha mãe era uma atriz famosa quando tinha a minha idade e ofende-a que nunca me tenha interessado pela representação. Por mais que me esforce no meu trabalho, nada será bom o suficiente.

As minhas mãos tremem enquanto vemos a lista de fornecedores. Porque continuo a fazer isto a mim mesma? Porque continuo a regressar a casa para organizar um casamento com o qual não quero ter nada que ver, só para poder passar tempo com uma mãe que me vai sempre considerar inferior à menina dos seus olhos? Nem sequer lhe peço que me trate como trata a Hannah. Tudo o que sempre lhe pedi foi um pouco de amor. É pedir demais?

– Desculpa – diz a minha mãe, a voz dela angustiada –, o casamento tem-me causado muito *stress* e descarreguei em ti. Desculpa, Raven. Percebes, não percebes? Este casamento é muito importante para as duas famílias. Esta fusão está a ser tratada há anos e assim que o casamento acontecer, podemos fechar a papelada e deixar a empresa nas mãos da Hannah e do Ares. Os Windsors recusam-se a avançar com o processo antes do casamento, e eu e o teu pai precisamos do dinheiro.

Digo que sim com a cabeça e mantenho-a baixa.

– Eu percebo, mãe.

Ela sorri-me.

– Sempre foste um doce, Raven. A Hannah e eu temos sorte em ter. Não podia mesmo ter feito nada disto sem ti.

Devolvo-lhe o sorriso, feliz pelas horas intermináveis que dediquei a isto não terem sido em vão. A Hannah mal tem estado presente nos preparativos do casamento e, apesar da constante e dolorosa lembrança de que o casamento vai acontecer, fico feliz por passar algum tempo com a minha mãe. É raro termos tempo de qualidade.

– Não acredito que a minha menina vai ser a esposa de alguém em breve – murmura enquanto reorganiza as flores no esquema da vinha onde o Ares e a Hannah se vão casar. – Quando a tua irmã era pequena, não sabia se ela viveria o suficiente para se apaixonar. Havia tantas coisas que pensava que ela nunca iria viver, mas aqui está ela, uma estrela internacional, prestes a casar com um dos bilionários mais apetecíveis do mundo. No meio disto, ainda cuida de mim e do pai, pois vamos, finalmente, reformarmo-nos, sabendo que a empresa fica em boas mãos.

Sinto a culpa e o desconforto a formarem-se no meu estômago. Não devia invejar a minha irmã nem o orgulho que vejo no olhar da minha mãe. Só gostava que, de vez em quando, o mesmo afeto me fosse dirigido.

– Vai ser uma noiva linda! – asseguro-lhe.

A minha mãe olha para cima com um esgar de preocupação.

– Como está a correr com o vestido? Fizeste as alterações que a Hannah pediu?

Abano a cabeça em concordância. De cada vez que adiou o casamento, mudou tudo o que queria para a cerimónia e para o vestido, resultando em muitas semanas extra de trabalho para mim.

– Claro.

A minha mãe hesita.

– Foi simpático da parte dela, pedir-te para desenhares o vestido de noiva. É um gesto bonito para te incluir. Pensava que ia preferir um estilista famoso, mas é uma forma de te ajudar a ganhar nome. Quando o mundo vir a Hannah num dos teus vestidos, todas as celebridades a vão copiar. Ela é uma ditadora de modas.

Mordo o lábio.

– Ganhei vários prémios de moda, mãe. Tenho uma lista de espera de dois anos para vestidos de noiva desde que lancei a minha primeira coleção, e a lista continua a crescer desde que a Alanna Sinclair se casou com um vestido meu. A minha marca está bem estabelecida e não tem menos prestígio do que alguns dos nomes mais antigos e conhecidos.

Ela olha para mim com uma expressão apaziguadora que me deixa logo irritada.

– Oh, claro! – diz, anuindo. Depois, pega num dos convites do casamento e segura-o à minha frente. – Temos de garantir que estes convites são enviados três dias antes do casamento. Tudo sobre o casamento tem de ficar no segredo dos deuses. Se os *paparazzi* aparecerem, vão arruinar o dia da Hannah. Podes ver se está tudo bem com o serviço de estafeta que contratámos?

Suspiro e levanto-me.

– Claro – digo-lhe, pegando na carteira. – Faço-o amanhã.

A minha mãe olha para mim com a testa franzida.

– Não ficas para jantar?

– Não, tenho uma sessão fotográfica amanhã cedo.

Ela assente com a cabeça.

– Oh, ainda bem. Não vais querer parecer gorda no vestido de dama de honor.

Sinto o coração mirrar quando me viro e saio da sala. Sempre que vejo a minha mãe, sinto-me uma pessoa horrível e acabo por me odiar. Devia estar feliz pela Hannah e sentir-me honrada por ter sido incluída na preparação do casamento..., mas odeio-o. Odeio a pessoa em que

me torno quando regresso a casa. Nunca estou assim tão desesperada por atenção ou reconhecimento e, apesar de me magoar vê-la com o Ares, nunca senti ressentimento pelo amor que ele tem por ela. Mas sempre que venho a casa, a minha cabeça enche-se de pensamentos horríveis.

E se o Ares se estivesse a casar comigo?

E se nunca a tivesse levado à festa de aniversário da Sierra?

E se me recusar a ajudar no casamento?

E se seduzir o Ares e o roubar?

Sou melhor do que isto, mas sempre que venho a casa, torno-me na minha versão mais patética.

– Querida?

Olho para o meu pai e ele suspira como que compreendendo.

– Levo-te à porta, meu doce.

Consinto e caminhamos em silêncio, de braço dado, até ao carro desportivo que o Ares me ajudou a escolher.

O meu pai abre-me a porta e hesita.

– Amo-te, Raven – diz. – A tua mãe também, mas não é tão boa a demonstrá-lo.

Mordo o lábio por um segundo.

– Não tem dificuldade em demonstrá-lo à Hannah.

Gentilmente, o meu pai põe-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha.

– Eu sei – murmura. – A tua mãe sente necessidade de o expressar pelas agruras que a Hannah viveu quando era pequena. A tua mãe acha que inundá-la de amor é uma forma de a compensar pela dor que passou quando estava doente. Fá-lo mais por si mesma do que pela Hannah e não significa que não te ame tanto quanto a ela.

Digo que sim com a cabeça, sem vontade de continuar a conversa. Não quero que o meu pai tenha pena de mim ou sinta que tem de me reconfortar. Para variar, não quero ser reconfortada com mentiras.

Ponho-me em bicos dos pés e dou-lhe um beijo na face.

– Amo-te, pai.

– Conduz com cuidado. Manda-me uma mensagem quando chegares a casa. Já sei usar os *emotis*. Vou responder-te com um polegar de fixe.

– *Emojis*? – pergunto a rir.

– Isso!

– Bom para ti, pai. Eu mando o *emoji* de uma casa quando chegar.

– Será a nossa linguagem secreta. – Pisca-me o olho, consigo evitar uma gargalhada e entro no carro.

É isto. É isto que me faz voltar a casa, apesar da atitude da minha mãe. O meu pai tem razão. Lá no fundo, eles amam-me. Talvez não tanto quanto amam a Hannah, mas já aprendi há muito tempo a aceitar isso.

Nunca estarei à altura da minha irmã mais velha. Não aos olhos dos meus pais, e, certamente, nunca aos olhos do Ares.

Quatro ARES

Agarro no telemóvel com força e respiro fundo para me acalmar.
– Hannah, prometeste que estaríamos juntos. É a terceira vez este mês que cancelas à última hora. Não me podias ter dito há mais tempo?

Ouço um ruído no telemóvel e a Hannah suspira.

– Desculpa, Ares. Queria tanto estar aí esta noite, sabes isso. Queria apoiar a Raven e estar aí contigo, mas não posso. Preciso de filmar algumas cenas novamente e as coisas não estão a correr bem.

– Sempre as mesmas desculpas, Hannah. Estou a tentar ser o mais compreensivo que consigo, mas não me estás a facilitar a vida. Não posso ser sempre eu a ceder.

– Eu sei – diz ela. – Prometo compensar-te.

– É porque não queres ser vista ou fotografada comigo? Hannah, vamos casar dentro de um mês. Não te esqueças do nosso acordo. Assim que nos casarmos, a nossa relação será pública. Qual seria o mal de sermos apanhados juntos hoje à noite?

– Ares, não é isso. Prometo que não é. Vou tirar tanto tempo de férias por causa do casamento que sinto que tenho de compensar. Não quero que as coisas se atrasem por minha causa.

Passo uma mão pelo cabelo e olho para o teto.

– Eu percebo – digo-lhe, derrotado. E, na verdade, percebo mesmo, mas começo a perder a esperança de que as coisas alguma vez mudem. Costumava pensar que era o sortudo entre os meus irmãos. O Dion mal fala com a noiva, e os outros ainda nem sabem com quem vão casar. Fui o único com a sorte de me apaixonar pela mulher que a minha avó escolheu para mim muito tempo antes do casamento.

Ainda assim, ultimamente, parece que não estamos em sintonia e não me sinto assim tão sortudo. Tudo me parece mecânico e forçado, e não

vejo a excitação que devíamos sentir em relação ao casamento que está tão próximo.

– Ela não vem, pois não?

Olho para cima e vejo um dos meus irmãos mais novos, o Lex, encostado à ombreira. A expressão dele é cuidadosamente neutra, mas os olhos traem a desilusão que tenta esconder. O meu primeiro instinto é defender a Hannah, mas hoje não consigo.

– Não.

– Vai ser chato ires sem companhia. Sabes como são as mulheres neste tipo de evento. Vais ser assediado a noite toda. Quem me dera poder ir.

Abano a cabeça.

– Não faz mal. Tens um voo para apanhar de madrugada, não tens? Além disso, odeias a indústria do entretenimento.

O Lex é responsável pela Windsor Motors e, se não me falha a memória, vai apresentar o nosso mais recente carro elétrico. Cada um de nós é responsável por uma parte do império Windsor. Eu tomo conta das empresas de entretenimento, o Lexington da indústria automóvel, a Sierra comanda a imobiliária, o Zane é responsável pelos hotéis, o Luca trata da gestão de ativos e o Dion está nas participações estrangeiras. Entre os seis, lideramos a Windsor Corp, dominando mais mercado do que as pessoas pensam.

– Vai correr tudo bem – digo ao meu irmão. – É só um desfile de moda. Já patrocinei muitos. Marco presença e venho para casa.

O Lex sorri-me.

– A Raven estará lá, por isso estarás bem. É a estrela do desfile desta noite. Não sei como, mas está cada vez mais bonita. Gostava mesmo de ir.

Involuntariamente, fico tenso e semicerro os olhos ao Lexington. Desde quando acha ele que a Raven é bonita? Sempre foi como uma irmã mais nova para nós. Passou a vê-la de outra forma?

– Como sabes que ela vai lá estar?

Pensando melhor, foram recentemente a uma galeria de arte juntos, só os dois. Haverá algo entre eles?

Ele sorri e pega no telemóvel.

– Falei com ela há pouco.

O quê? Ela rejeita quase sempre as minhas chamadas, mas tem tempo para falar com o Lex?

Ele ri-se, o olhar impenetrável.

– Diz à Raven que lhe mando um beijo, sim?

Anuo, sabendo que não o farei. Algo na ideia do Lex e da Raven juntos deixa-me perturbado e não é só por causa dos sonhos recorrentes que tenho com ela – sonhos que não devia ter.

Estou com um humor da treta a caminho do desfile, incapaz de identificar porque me sinto assim. Já devia estar habituado às ausências da Hannah, mas não é fácil. Há anos que escondemos a nossa relação, cautelosos para não atrair a atenção dos média. A Hannah sempre temeu ser acusada de nepotismo se as pessoas descobrissem a nossa relação, e eu percebo. Sei o quanto se esforça no trabalho, e ter atenção indesejada dos média só traz problemas. Percebo a situação, mas estou farto disto tudo.

A sala está ao rubro quando entro e fico a um canto, a olhar para a passarela. Quase nunca vejo os desfiles – quando se vê um, já se viu todos, e não podia interessar-me menos por moda. No entanto, esta noite, não consigo tirar os olhos da mulher que arrebatou o palco.

A Raven desfila pela passarela num vestido justo que deixa pouco à imaginação, e fico a admirá-la. Trabalha tão arduamente quanto a Hannah, se não mais, e nunca desaponta ninguém que ama. Sei a frequência com que a minha irmã lhe aparece no escritório do nada, e a minha avó também. Não consigo deixar de pensar porque é que a Hannah não pode ser mais como ela. São irmãs, mas são tão diferentes.

A minha mente vagueia para a altura em que a minha avó mencionou pela primeira vez um casamento entre os Windsors e os Du Pont. Nessa altura, era com a Raven que queria que eu casasse. Suspiro enquanto ela se vira e regressa ao centro do palco, inundado por um sentimento de perda.

– Senhor Windsor.

Forço um sorriso à medida que me viro para o organizador do desfile e faço a conversa de circunstância do costume. Tanto no entretenimento é

ver e ser visto, e isso cansa-me. Estou farto do pretensiosismo, da falsidade, de viver num mundo de faz-de-conta. Anseio por genuinidade.

– Vários modelos seus desfilaram hoje – constata o Jonas, orgulhoso. – A Windsor Media é mesmo uma força indomável. Há algo que não tenha? Tem várias revistas de sucesso, um jornal, a indústria da moda e, claro, o estúdio de produção. Não sei como consegue fazer tudo isso. É uma honra que tenha tido tempo para vir ao desfile de hoje.

Anuo e esforço-me por manter uma conversa com ele, mas não paro de pensar no Lexington. Haverá mesmo algo entre ele e a Raven? Estou prestes a inventar uma desculpa qualquer para terminar a bajulação quando a conversa que se está a passar nas minhas costas me capta a atenção.

– Lamento, mas não posso.

Fico apreensivo e viro-me quando oiço a voz da Raven. Está chateada, mas sorri alegremente ao homem em frente dela.

– Desculpe – digo ao Jonas com uma ponta de aborrecimento a manchar o meu tom educado. Que poderá ter chateado a Raven?

– Só um encontro – diz o homem. – Pago-lhe mais do que ganha num ano.

Cerro os maxilares sem dar por isso e a raiva transforma-me as mãos em punhos. Forço-me a relaxar assim que os meus olhos encontram os da Raven e noto algum alívio no olhar dela. Sorrio-lhe, sem tirar os olhos dela, enquanto lhe abraço a cintura e a puxo para mim.

– Aqui estás tu, Raven – murmuro, antes de me virar para o homem à nossa frente.

Parece chateado por um segundo, mas depois de me reconhecer, desvia o olhar.

– Senhor Windsor – diz, o seu tom muito mais gentil do que antes.

Sei perfeitamente quem é, mas não lhe vou dar esse prazer. Olho-o sem lhe dar importância e viro-me outra vez para a Raven.

– Falámos recentemente a propósito de um guião que enviei para a Windsor Media – lembra-me. É um conhecido realizador e estive prestes a aprovar o financiamento do seu próximo filme porque a Hannah quer muito o papel principal. Azar.

O meu polegar passeia em círculos pela cintura da Raven e ela aproxima-se de mim, o corpo inclinado sobre o meu. A Raven é das mulheres mais fortes que conheço, por isso, encontrar consolo na minha presença só pode significar uma coisa. Não é a primeira vez que este otário a assedia.

– Tudo o que me lembro é de o ouvir a atirar-se à Raven. É engraçado, porque não tem capital suficiente para a ofender. – Rio-me com prazer. – Quer pagar-lhe mais do que ela ganha num ano por um encontro? Ela é a modelo mais bem paga do mundo, e você? Bem, nem sei quem é. Mas sei que não pode voltar a estar a menos de cinco metros dela e, se o fizer... *farei* com que pague por isso.

Ele arregala os olhos e olha arrependido para a Raven. Não quero sequer que olhe para ela. Merece melhor do que esta treta.

– Não sabia – diz ele em voz baixa.

Aperto ainda mais a Raven e sorrio.

– Agora sabe, por isso, pode ir andando.

Ele anui e afasta-se, a sua expressão irada, mas não quero saber. Só me interessa o sorriso da Raven.

– Ainda achas que não precisas de um guarda-costas?

Ela olha para mim com uma expressão algo exasperada.

– *Ares*, eu não estava em perigo, não faz sentido.

Largo-a e inclino a cabeça.

– Com que frequência é que isto acontece?

– É muito raro – assegura-me, mas a forma como olha de relance para a esquerda indica que está a mentir. Desde que a conheço que tem este tique quando mente.

– Não devias estar sozinha neste tipo de desfile. Não vieste acompanhada?

Só a vi com um homem nos últimos anos, mas ele casou recentemente, para meu alívio. Há algo no Silas Sinclair de que não gosto e não é o facto de ser uma das poucas pessoas fora do meu alcance. Tentei que a minha avó rescindisse o contrato com a empresa de segurança dele, mas ela não quis. Não sei o que me incomoda nele, mas acho que era a forma como olhava para ela, ou melhor, como *não* olhava. A Raven merece ser o

centro do universo de alguém, mas mal lhe captava a atenção. O coração dele tinha, de certeza, outra dona.

– Não, vim sozinha. O meu agente vai juntar-se a mim daqui a nada, mas está nos bastidores agora.

Percorro-a com o olhar e abano a cabeça.

– Nunca percebi, sabes? Porque nunca te vi numa relação séria? Como é que uma mulher como tu está solteira?

Ela pega numa taça de champanhe e sorri para mim.

– Apenas não encontrei ainda um homem que me mantenha cativada. Não me vou comprometer por menos do que devoção total. Quero um amor *épico* e estou disposta a esperar por ele.

Com que então devoção total? Pois, é exatamente o que ela merece. Que tipo de homem a conseguirá conquistar? Por um momento, uma imagem dela com o Lexington passa-me pela cabeça e o meu sangue gela.

– Raven!

Ela olha para o lado e sorri antes de se virar novamente para mim.

– É o meu agente – diz-me. – Acho que está na altura de passar horas intermináveis a socializar, supostamente tenho de o fazer. Vemo-nos mais tarde, está bem?

Anuo e vejo-a afastar-se, o meu olhar a dirigir-se para o homem que a espera. O agente olha para ela de uma forma que não é profissional. Parece encantado, e mudo desconfortavelmente o peso do corpo de um pé para o outro. Só quero que a Raven seja feliz, mas a ideia de a ver com alguém enche-me de pavor.

Acho que é assim que os irmãos mais velhos se devem sentir, não é? Pode ser diferente do que sinto em relação aos namoros da Sierra, mas é quase o mesmo. Deve ser isso.

Cinco ARES

D-eem mais cobertura a isto – ordeno, os meus olhos a passar pelos artigos sobre a coleção da Raven. Não notei ontem à noite, mas uma das coleções apresentadas era dela. Pelo que vejo, as peças mais recentes foram muito bem recebidas e merecem mais atenção do que estão a ter.

De que serve ser dono de várias revistas de fofocas e moda se não as usar para ajudar o trabalho dos meus amigos? Espero que a empresa dela continue a crescer a ponto de ter de deixar de ser modelo por já não ter tempo para isso.

Odeio como ela se tornou num objeto de desejo. Esses homens não veem além da sua beleza, não veem a mulher divertida e generosa que é. Sei como esta indústria é tóxica e não quero isso para ela. Quero-a segura, atrás dos holofotes, ao invés de diante deles.

A Raven nem parece ela ultimamente e estou preocupado. Receio que tudo a esteja a sobrecarregar. A dieta constante, as exigências dos fotógrafos, os ambientes tantas vezes hostis das sessões. Nunca percebi porque o faz. Tem uma beleza indescritível, mas, de alguma forma, esta carreira não lhe assenta.

Já a sua marca de moda... é perfeita para ela. Permite-lhe deixar brilhar a criatividade e continuar a trabalhar na indústria na qual cresceu, sem que tenha de lidar com os aspetos negativos da fama.

– O Bradford Manson ligou – diz-me o Dom, o meu assistente. – Queria saber sobre o guião que enviou. Com base nas suas notas, parece que estamos prontos para aprovar o financiamento deste projeto. Devo dar-lhe seguimento?

Olho para ele bruscamente com um esgar de raiva.

– Não – disparo, os meus pensamentos regressando à forma como falou com a Raven na noite passada. – É um monte de merda que não merece

sequer ficar preso à sola do sapato dela!

– Como? – pergunta o Dom, confuso.

Aceno-lhe com a mão.

– Esquece. Não quero ouvir o nome desse otário outra vez. Não voltaremos a trabalhar com ele, e faz saber que qualquer ator ou atriz que trabalhe com ele *nunca* mais trabalhará com a Windsor Media. O mesmo se aplica a quem quer que o financie.

O Dom arregala os olhos.

– O que é que este infeliz lhe fez para merecer o Beijo da Morte? Nunca mais vai conseguir trabalhar.

Sorrio pretensiosamente com a estupidez da expressão. Entrar na lista negra dos Windsor foi alcunhado de «o Beijo da Morte» porque é um veneno de atuação lenta, e as vítimas quase nunca percebem o ataque até ser tarde demais, quando já se encontram cercadas pelos restos mortais das suas carreiras.

Abano a cabeça.

– Quero lá saber se ele volta ou não a trabalhar. Devia pensar nisso antes de abrir a boca. Vamos ver onde vai buscar o dinheiro agora. Otário de merda!

O meu assistente anui com uma expressão de choque. Sou mais do que razoável na maioria das vezes – temos de o ser nesta indústria repleta de egos inflamados. Mas este otário... vai ficar a saber o que acontece quando perco a paciência.

– E mais – digo ao Dom, o meu dedo a bater no tampo da secretária –, há um gerente de loja chamado Andy. Trabalha num dos nossos centros comerciais, numa joalheria. Quero-o despedido. Não me lembro do nome. É a preferida da Hannah.

O Dom pigarreia, desconfortável.

– Se é num centro comercial, pertence à imobiliária, seria uma decisão da Sierra. Sabe que ela não gosta que se interfira no campo dela.

Recosto-me na cadeira e encaro o meu assistente. Tem um metro e noventa e é frequentemente confundido com o meu guarda-costas, mas encolhe-se ao pensar em confrontar a minha irmã. Não o censuro. A minha irmãzinha pode ser implacável.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Noiva Errada"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).